

Orquestra Gulbenkian

Simone Menezes
Sebastião Salgado
Camila Provenzale

Amazônia



11 + 12 jun 26

11 jun 26 QUINTA 20:00

12 jun 26 SEXTA 20:00

GRANDE AUDITÓRIO

Orquestra Gulbenkian

Simone Menezes Maestra

Sebastião Salgado Fotografia

Camila Provenzale Soprano

Heitor Villa-Lobos

Bachinanas Brasileiras n.º 4: Prelúdio (Introdução) c. 8 min

Philip Glass

Águas da Amazônia: Metamorphosis I c. 12 min

Heitor Villa-Lobos

Suíte A Floresta do Amazonas c. 55 min

Com projeção de vídeo e fotografias de Sebastião Salgado

A floresta

Em plena floresta

Pássaro da floresta

Dança da natureza

Conspiração e dança guerreira

Veleiros

Em caminhos para a caçada

Canção de amor

Melodia sentimental

O fogo da floresta

Epílogo

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: C. 1H 15 MIN

CONCERTO SEM INTERVALO

Amazônia

O concerto Amazônia foi criado em 2019, como uma encomenda da Philharmonie de Paris, para que eu desenvolvesse, junto ao fotógrafo Sebastião Salgado, um projeto em torno da Amazônia. Naquele momento, Salgado iniciava as exposições das fotografias do projeto *Amazônia*, no qual trabalhou durante sete anos, ao mesmo tempo em que eram publicadas as edições revisadas da obra de Heitor Villa-Lobos. Trabalhar com Sebastião Salgado foi um privilégio. Ele mergulhou a fundo na música de Villa-Lobos para encontrar, dentro de seu arquivo, imagens que correspondessem a cada movimento.

Em linhas gerais, o conceito começa com as *Bachianas Brasileiras n.º 4*, uma grande canção de lamento coletivo para orquestra de cordas. Em seguida, passamos por *Águas da Amazônia*, de Philip Glass: uma viagem pelo rio Amazonas, onde ouvimos o coração da selva, o som do barco, a presença dos animais, até entrarmos numa cadência que conduz a uma espécie de transe tribal, encerrado por um grito da orquestra. Por fim, chegamos à *Floresta do Amazonas*, de Villa-Lobos, ilustrada pelas imagens de Sebastião Salgado. A obra também é um passeio pela floresta: começa com o movimento *A Floresta*, em imagens aéreas; aos poucos, entramos dentro da mata, encontramos figuras femininas

em movimentos como *Dança da Natureza*, figuras masculinas em *Dança Guerreira*, passamos por canções e terminamos retornando à vista aérea inicial.

Muitos sabem que Villa-Lobos influenciou grandes compositores, como Olivier Messiaen, que o afirmou publicamente. Mas pouco se fala sobre o quanto a sua obra é também atravessada pela cultura portuguesa. Diferente de boa parte da música latino-americana, marcada por uma alegria melódica mais direta, Villa-Lobos carrega um lirismo profundo e uma beleza nostálgica, com traços que podem dialogar com o fado e a música portuguesa. As canções da *Floresta*, especialmente *Veleiros*, retratam não apenas a alma brasileira, mas também a alma portuguesa.

Este projeto existe há seis anos, já esteve com mais de 15 das principais orquestras europeias e conta, desde sua origem, com o apoio da Zurich Insurance. Hoje, de modo especial, ele celebra a memória de Sebastião Salgado e agradece a Lélia Salgado por continuar comigo e com Camila Provenzale esta aventura artística. É um prazer estarmos, pela primeira vez, em Portugal e sobretudo em Lisboa, uma cidade que tem um significado especial para todos nós.

SIMONE MENEZES

Heitor Villa-Lobos

(Rio de Janeiro, 1887 – 1959)

Bachianas Brasileiras n.º 4 – *Prelúdio (Introdução)*

—

COMPOSIÇÃO 1930-1941

DURAÇÃO c. 8 min

Bachianas Brasileiras é uma série de composições em homenagem a J. S. Bach. É preciso ter presente que, no início do século XX, o Bach de Villa-Lobos era “romântico e épico”, à maneira da conceção de Bach de Leopold Stokowski. Villa-Lobos falava da música de Bach como uma fonte universal à qual iria beber para produzir a sua própria música, com a sua personalidade e o seu sotaque. Dizia também que, se a humanidade se pudesse reunir para cantar, muitos problemas seriam resolvidos. O canto coletivo esteve sempre no centro da sua visão artística.

Este *Prelúdio* é um canto coletivo imbuído de nostalgia, provavelmente inspirado na *Ária na Corda Sol*. O espírito humano está palpavelmente presente. Um povo reunido exprime a sua extrema dor existencial mas, para além do sofrimento, canta igualmente a sua esperança e a sua profunda vontade de viver.

Philip Glass

(Baltimore, 1937)

Águas da Amazônia – Metamorphosis I

—

COMPOSIÇÃO 1988

Arranjo para orquestra de Charles Coleman, 2017

DURAÇÃO c. 12 min

O compositor norte-americano Philip Glass demonstrou um claro interesse pelo Brasil, onde realizou inúmeros projetos. Neste contexto, *Metamorphosis* faz parte de *Águas da Amazônia*, uma obra originalmente composta para o grupo brasileiro Uakti. Philip Glass descreve a colaboração e o processo criativo desta obra enfatizando “a verdadeira amálgama entre a minha música e a sensibilidade dos membros do grupo”.

Em 2017, Charles Coleman propôs uma orquestração desta obra. *Metamorphosis* lança um olhar minimalista, mas também poético, sobre as águas que percorrem a floresta amazónica. Uma viagem de barco pelo rio Amazonas é pontuada por várias pulsações rítmicas. A cena é constantemente metamorfoseada pela passagem de animais, pelos perigos e pelos prazeres, pelos aguaceiros e pelas tempestades. Os ritmos tornam-se mais proeminentes e variados e a tensão aumenta por etapas até ao grito final de alívio à chegada.

Heitor Villa-Lobos

(Rio de Janeiro, 1887 – 1959)

Suite *A Floresta do Amazonas*

COMPOSIÇÃO 1958

DURAÇÃO c. 45 min

Heitor Villa-Lobos foi um compositor com uma identidade musical única. Tal como Bartók (1881-1945) e Stravinsky (1882-1971), imergiu na tradição europeia enquanto procurava a sua identidade nas influências primitivistas da música da sua terra natal. Fascinado pela obra de Bach, inspirou-se no impressionismo francês para melhor apreender a natureza de uma perspectiva orgânica, distanciando-se simultaneamente das formas musicais históricas. É assim que descreve: “A minha música permite-me deixar cantar os rios e os mares deste grande Brasil. Não sufoco a exuberância tropical das nossas florestas e dos nossos céus, que levo comigo instintivamente em tudo o que escrevo.”

Segundo Villa-Lobos, é pelo aprisionamento na estrutura formal que se abandona a autenticidade. É precisamente por isso que muitos musicólogos ainda hoje o criticam. Contudo, é na floresta amazónica que os curiosos e sensíveis encontrarão uma obra de arte épica, escrita por este mestre da orquestração que influenciou muitos compositores, como Olivier Messiaen (1908-1992). Esta obra é grandiosa e eloquente, sem perder a sua simplicidade e franqueza. Villa-Lobos exprimiu-se assim a seu respeito: “Considero as minhas obras como cartas escritas que lego à posteridade sem esperar a menor resposta”. A época atual deveria impelir-nos a abrir estas cartas para responder à “floresta amazónica”.

NOTAS DE SIMONE MENEZES

A Floresta do Amazonas

Três poemas de Dora Alencar Vasconcellos
(1910–73)

Veleiros

Velas no mar,
Vão deixando passar
A tarde anil
E outras ondas
Vêm me levar.
Ah!

Sempre existe na mágoa
Doce murmúrio
De um triste amor.
Ah!

Quanta tristeza!
Ondas do mar...
Neste vai e vem,
Sem me levar...
Pois sempre eu fiz
Muita atenção
Em não pisar
Teu coração.
Ah!

Longe no céu
Vai a onda jogar
Tudo que é meu,
Dentro do mar
Sem me esperar!
Ah!

Lua, lua branquinha,
Lua crescente,
vem devagar,
Ah!

Canção de amor

Sonhar na tarde azul
Do teu amor ausente
Suportando a dor cruel
Com esta mágoa crescente
O tempo em mim agrava
O meu tormento, amor!
Tão longe assim de ti
Vencida pela dor,
Na triste solidão
Procuro ainda te encontrar
Amor, meu amor!

Tão bom é saber calar
E deixar-se vencer pela realidade
Vivo triste a soluçar,
Quando, quando virás, enfim?
Sinto o ardor dos beijos teus em mim.
Ah!

Qualquer pequeno sinal
E fremente surpresa,
Vem me amargurar...
Tão doce aquela hora
Em que de amor sonhei
Infeliz, a sós, agora
Apaixonada fiquei
Sentindo aqui fremente
O teu reclamo, amor!

Tão longe assim de ti,
Ausente ao teu calor,
Meu pobre coração
Anseia sempre a suplicar:
Amor, meu amor!

Simone Menezes

Atualmente radicada em França, Simone Menezes nasceu no Brasil, com raízes italianas. O seu repertório abrange compositores do cânone clássico europeu, como Beethoven e Brahms, a Tchaikovsky e aos impressionistas franceses, combinando-os com obras do repertório latino-americano. Nos últimos anos, apresentou-se em importantes salas de concertos internacionais como a Philharmonie de Paris, o Konzerthaus de Viena, a Sala Pierre Boulez de Berlim ou a Filarmónica de Colónia. Estreou várias obras de compositores como John Adams, Thomas Adès, Philip Glass, Arvo Pärt, Toru Takemitsu e Gabriela Ortiz. Em 2025, encomendou o concerto para piano *Mother Earth*, de Fazil Say.

Um dos focos do seu trabalho reside na curadoria e na realização artística de programas interdisciplinares. Com o seu Ensemble K, que fundou e dirige, desenvolveu o projeto de concerto documental *Metanoia*, apresentando obras de Puccini, Bach e Pärt, e foi premiada nos International Classical Music Awards 2023 com o prémio para “Best Video in Performance & Documentaries”. Em 2020, criou o projeto *Amazônia* em colaboração com o fotógrafo Sebastião Salgado e a Philharmonie de Paris. Apresentou e dirigiu *Amazônia* com mais de 15 orquestras em todo o mundo. As suas gravações têm recebido grandes elogios da imprensa especializada internacional.

Simone Menezes estudou em São Paulo e Paris, bem como na Royal Academy of Music, em Londres. No início da sua carreira, teve como mentor Paavo Järvi. Inicialmente, foi maestra titular e convidada na América Latina, estabelecendo-se posteriormente na Europa. Desde então, tem atuado em grandes eventos internacionais, como as Exposições Universais do Dubai e de Osaka, bem como em colaborações com marcas como a Cartier e a Zurich Insurance, criando formatos de concertos com um amplo impacto.

Melodia sentimental

Acorda, vem ver a lua
Que dorme na noite escura,
Que fulge tão bela e branca
Derramando doçura.
Clara chama silente
Ardendo o meu sonhar!

As asas da noite que surgem
E correm no espaço profundo...
Ó doce amada desperta!
Vem dar teu calor ao luar.
Ah!

Quisera saber-te minha
Na hora serena e calma.
A sombra confia ao vento
O limite da espera,
Quando dentro da noite
Reclama o teu amor.
Acorda, vem olhar a lua
Que brilha na noite escura.
Querida, és linda e meiga.
Sentir meu amor é sonhar.
Ah!

Sebastião Salgado

Sebastião Salgado nasceu em 1944 no estado de Minas Gerais, no Brasil. Estudou economia e iniciou a sua carreira como fotógrafo profissional em Paris, em 1973. Trabalhou com agências fotográficas até 1994, altura em que fundou, com a sua mulher Lélia Wanick Salgado, a Amazonas Imagens, estúdio dedicado exclusivamente ao seu trabalho.

Até 2025, ano da sua morte, em Paris, Sebastião Salgado visitou mais de 120 países no âmbito dos seus projetos fotográficos. Para além de publicações na imprensa internacional, o seu trabalho foi publicado em livros temáticos como *Other Americas*, 1986; *Sahel: L'homme en détresse*, 1986; *Sahel: el fin del camino*, 1988; *Un Uncertain Grace*, 1990; *Workers*, 1993; *Terra*, 1997; *Migrations*, 2000; *Africa*, 2007; *Genesis*, 2013; *The Scent of a Dream*, 2015; *Kuweit*, 2016; *Gold, Serra Pelada*, 2019; e *Amazônia*, 2021.

Exposições itinerantes das suas obras foram, e continuam a ser, apresentadas em museus e galerias de todo o mundo. A maioria delas tem curadoria de Lélia Wanick Salgado, que também desenhou e editou os livros. Sebastião Salgado foi nomeado Embaixador da Boa Vontade da UNICEF e membro honorário da United States Academy of Arts and Sciences. Em 2016, foi eleito membro da Académie des Beaux-Arts do Institut de France. Em 2021, recebeu um doutoramento honorário em artes pela Universidade de Harvard (Cambridge, EUA) e foi galardoado com o *Praemium Imperiale* da Japan Art Association, considerado o “Nobel das Artes”.

Desde a década de 1990, Lélia e Sebastião trabalharam juntos na restauração de parte da Mata Atlântica no Vale do Rio Doce, no estado de Minas Gerais, Brasil. Em 1998, transformaram esta área numa reserva natural e criaram o Instituto Terra, dedicado à missão de reflorestação, conservação e educação ambiental.

Camila Provenzale

A soprano ítalo-brasileira Camila Provenzale nasceu em São Paulo e atualmente reside em Zurique. Estudou Canto Lírico na Universidade de São Paulo e aperfeiçoou a sua arte no Centre de Perfectionnement do Palau de les Arts de Valência. Interpretou recentemente a Condessa de Almaviva (*As bodas de Figaro*) na Ópera de Toulon, Donna Anna (*Don Giovanni*), no Festival de Ópera de Garsington e no Théâtre des Champs-Élysées, Donna Elvira (*Don Giovanni*), no Festival de Bregenz, Micaëla (*Carmen*), com a Opera North, e Mathilde (Guilherme Tell), em Linz. Mais recentemente, estreou-se no papel de Madama Butterfly. O seu percurso europeu começou com o prestigiado concurso *Neue Stimmen*, na Alemanha. Seguiram-se o Concurso da Ópera de Paris, o Concurso Belvedere, o Concurso Maria Callas, o Operalia e o BBC Cardiff Singer of the World. É também reconhecida pela sua musicalidade singular no repertório de concerto. Interpretou as sinfonias e os *Rückert Lieder* de Mahler, os *Vier Letzte Lieder* de R. Strauss, *Carmina Burana* e muitas obras de Beethoven, Mozart e Villa-Lobos, bem como de compositores contemporâneos. É a atual solista do projeto *Amazônia*, criado por Simone Menezes e Sebastião Salgado. O projeto já foi apresentado em mais de quinze cidades e continua em digressão internacional. Inclui a sua aclamada gravação da suite *A Floresta do Amazonas*, de Villa-Lobos, com a Philharmonia Zürich (Alpha Classics). Estreou-se no Carnegie Hall de Nova Iorque com outro projeto inspirado na Amazônia, apresentado por Marin Alsop e interpretado com a Orquestra Sinfónica de São Paulo. Orientada pelo seu mentor Jack Li Vigni, Camila Provenzale tem um compromisso contínuo com o crescimento artístico, continuando a evoluir como artista e cativando o público com a sua versatilidade vocal e profundidade emocional.

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas.

Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora.

No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

PRIMEIROS VIOLINOS

Vicente Sobral CONCERTINO
Francisco Lima Santos 1.º CONCERTINO AUXILIAR
Maria Balbi 2.º CONCERTINO AUXILIAR
Paula Carneiro 1.º SOLISTA*
Alla Javoronkova
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria José Laginha
Otto da Casa de Pereira
Catarina Resende
Catarina Ferreira
Margarida Queirós
Francisco Ferreira*
Vasken Fermanian*

SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1.º SOLISTA
Zachary Spontak 1.º SOLISTA
Piotr Rachwal 2.º SOLISTA
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Ana Isabel Malheiro
Gonçalo Melo
Bernardo Barreira
Ricardo Vieira*
Sara Llano*
Flávia Marques*
Ana Sofia Faria*

VIOLAS

Samuel Barsegian 1.º SOLISTA
Lu Zheng 1.º SOLISTA
João Tiago Dinis 2.º SOLISTA
Nuno Soares
Sara Moreira
Artemis Balkiz
Joana Silva
Micaela Miranda*
Márcia Furtado*
André Araújo*

VIOLONCELOS

Martin Henneken 1.º SOLISTA
Raquel Reis 2.º SOLISTA
Jeremy Lake
Leonor Moniz*
Pedro Ribeiro*
Ester Santos*

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1.º SOLISTA
Domingos Ribeiro 1.º SOLISTA
Manuel Rêgo 2.º SOLISTA
Marine Triolet

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1.º SOLISTA
Sónia Pais 1.º SOLISTA
Rui Matos 1.º SOLISTA*
Amalia Tortajada 2.º SOLISTA
Natália Monteiro 2.º SOLISTA*

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1.º SOLISTA
Nelson Alves 1.º SOLISTA
Alice Caplow-Sparks 2.º SOLISTA
CORNE INGLÉS

CLARINETES

Iva Barbosa 1.º SOLISTA
Telmo Costa 1.º SOLISTA
José María Mosqueda 2.º SOLISTA
CLARINETE BAIXO

FAGOTES

Ricardo Ramos 1.º SOLISTA
Vera Dias 1.º SOLISTA
Raquel Saraiva 2.º SOLISTA
CONTRAFAGOTE

TROMPAS

Duarte Moreira 1.º SOLISTA
Telmo Rocha 1.º SOLISTA
Pedro Fernandes 2.º SOLISTA
Antonia Chandler 2.º SOLISTA
Ivan Branco 2.º SOLISTA*

TROMPETES

Carlos Leite 1.º SOLISTA
Jorge Almeida 1.º SOLISTA*
José Pedro Pereira 2.º SOLISTA
Paulo Carmo 2.º SOLISTA*
Rui Almeida 2.º SOLISTA*

TROMBONES

Sergi Miñana 1.º SOLISTA
Rui Fernandes 2.º SOLISTA
Thierry Redondo 2.º SOLISTA
TROMBONE BAIXO
Tiago Noites 2.º SOLISTA*

TUBAS

Amílcar Gameiro 1.º SOLISTA
Elmano Pereira 1.º SOLISTA

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1.º SOLISTA

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2.º SOLISTA
Ryoko Imai 2.º SOLISTA*
João Braga Simões 2.º SOLISTA*
Pedro Silva 2.º SOLISTA*
João Ramalho 2.º SOLISTA*
André Castro 2.º SOLISTA*
Tiago Ferreira 2.º SOLISTA*

SAXOFONE

Ricardo Pires 1.º SOLISTA*

GUIARRA

Gil Fesh 1.º SOLISTA*

PIANO

Dana Radu 1.º SOLISTA*

CELESTA

José Diogo Martins 1.º SOLISTA*

HARPA

Rebeca Csalog 1.º SOLISTA*

* Instrumentista convidado

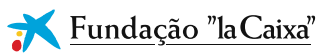
COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins
Marta Ferreira de Andrade
Pedro Canhoto
Fábio Cachão
Inês Nunes

A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
MÚSICAS DO MUNDO



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável.

